

A Infância como Produtora de Audiovisual: Conexões Educomunicativas Internacionais

PROFA. DRA. ARIANE PORTO COSTA RIMOLI

O BEM-TE-VI (BTV) é um projeto de Educomunicação que tem como objetivo maior a criação de sentidos dentro dos processos educacionais – formais e não formais - tendo como parâmetros fundamentais a transdisciplinaridade e a interculturalidade. A Metodologia BTV é baseada na utilização da produção audiovisual, transformadora e capaz de ensinar protagonismos por meio do diálogo, da mobilidade e alternância de papéis entre Educador e Educando – centro do processo de compreensão. Isso porque o ‘aprender’ nem sempre vem significando ‘compreender’, e é isso que busca o BTV – a compreensão, de forma coletiva e colaborativa.

Concebidas em 2005, as oficinas de animação, ficção e documentário do Projeto BTV vêm sendo desenvolvidas junto a crianças e jovens (5 a 18 anos) com os objetivos de contribuir para a alfabetização audiovisual, promover a diversidade cultural, criar diálogos entre grupos diferenciados, formar espectadores críticos, desenvolvendo as capacidades de comunicação, expressão e criação. O projeto prevê também a formação de agentes comunitários e educadores para a utilização do audiovisual com crianças e adolescentes.

Desde sua implantação o BTV vem sendo desenvolvido em diversos pontos do Brasil e de outros países, tendo sido produzido um vasto e diversificado material. A análise do uso do audiovisual como instrumento de integração, aprendizagem, comunicação e expressão

através do desenvolvimento do Projeto BTV, corrobora a hipótese de que as tecnologias digitais são subutilizadas no ambiente da escola formal, sendo ainda alvo de preconceitos que impedem sua utilização em processos educativos. O audiovisual permite a comunicação entre grupos diferenciados e esse diálogo é fundamental para a reflexão e transformação de realidades; o audiovisual é um instrumento de percepção do mundo, reflexão, comunicação e transformação que deve ser incorporado às estruturas formais de ensino.

A proposta do Projeto BTV é ser um espaço onde as crianças e jovens se tornam protagonistas da construção de sua identidade e de seu desenvolvimento cultural, mediante o conhecimento e a apropriação, não só da linguagem audiovisual, mas também das novas tecnologias da informação e comunicação.

Redes conectadas

O projeto Bem-te-vi nasceu de uma ideia de democratização das tecnologias digitais que levasse à compreensão das realidades e anseios de crianças e adolescentes, através da produção audiovisual. Essa democratização só seria possível se, além de “vozes”, fossem criados “ouvidos”. A comunidade precisa se expressar, mas é fundamental que suas vozes sejam ouvidas, que o diálogo de fato se estabeleça. Propondo estabelecer diálogos entre setores do movimento social (associação de moradores, movimentos culturais e étnicos como quilombolas e indígenas), instituições de ensino (APAEs, escolas públicas e particulares, universidades) e voluntariado do setor filantrópico (hospitais e centros de recuperação) o Bem-te-vi estabeleceu interfaces entre os mesmos e diversas esferas do poder público. Porém, as diferenças culturais foram significativas para o desenvolvimento das abordagens e propostas, já que comunidades tradicionais como os índios e quilombolas trazem consigo uma herança cultural de mais de 500 anos de exploração e luta pela manutenção de suas identidades. E não só as comunidades tradicionais, mas também os produtores culturais da periferia trazem essa herança, que não pode ser apagada em curto prazo. Essas questões igualmente aparecem dentro da própria cultura acadêmica em seu processo (também relativamente novo) de considerar outras formas de saber e se relacionar com grupos que se encontram “fora dos muros” das universidades.

Nesse sentido, o Bem-te-vi se colocou desafios, buscando articular grupos nas bases utilizadas pelos movimentos sociais, desenvolvendo metodologias de ensino/aprendizagem a *posteriori* e buscando diálogos com segmentos da produção audiovisual e empresas de comunicação. Essas articulações, contudo, são complexas, já que cada setor participante possui uma lógica e organização próprias e o diálogo necessita ser estabelecido incorporando as diferenças. O Bem-te-vi pode, então, ser inserido no processo de luta pela democratiza-

ção dos meios de comunicação, a partir do acesso à produção e circulação de mensagens e informações por grupos diversos e diferenciados. Contudo, diferentemente dos processos de comunicação nos movimentos populares que tiveram seu auge a partir dos anos 1970, o Bem-te-vi tem como público-alvo a criança e o adolescente, através dos quais o diálogo com os outros membros das comunidades é estabelecido.

Essa dinâmica é baseada em alguns parâmetros: qualquer transformação na sociedade deve incluir as novas gerações; crianças e adolescentes possuem um fascínio e facilidade para a utilização de tecnologias digitais; o processo de ensino/aprendizagem deve ser dialógico e reconhecer o potencial criativo e o conhecimento das crianças e adolescentes; o audiovisual permite a comunicação entre grupos diferenciados e esse diálogo é fundamental para a reflexão e transformação de realidades; o audiovisual é um instrumento de percepção do mundo, reflexão, comunicação e transformação que deve ser incorporado às estruturas formais de ensino. A incorporação do audiovisual à estrutura do ensino formal talvez seja o ponto mais complexo de ser colocado em prática, já que depende de alterações que rompem preconceitos há muito arraigados. Como bem colocou Marília Franco,

“havia esse grande paradoxo: enquanto o mundo acadêmico encarava a televisão como uma das estratégias da ditadura para dominação – uma espécie de circo moderno servido como a sobremesa do pão do povo –, a ECA não parava de formar profissionais para atuar e se destacar na consolidação da primeira e verdadeira indústria cultural de nosso País. O resultado foi que, enquanto em diversos cursos da Escola, como Teatro e Cinema, Jornalismo e Biblioteconomia, desenvolviam-se profundos estudos e práticas pedagógicas, no tocante à televisão, faziam-se apenas leituras críticas, condenando a TV e relegando-a a uma visão técnica e empírica. Nem sequer como curiosidade a universidade acompanhou, histórica e reflexivamente, o desenvolvimento dessa mídia que consolidou a produção de bens imateriais da melhor qualidade técnica e estética do País”¹.

Mas os preconceitos são das mais variadas formas e origens, sendo a estrutura formal de ensino igualmente alvo de preconceitos pela mídia e seus produtores de conteúdos infanto-juvenis. Diálogo difícil. Contudo, se observarmos a postura das crianças e adolescentes perante a questão, talvez percebamos que a separação entre a “escola e a vida” não

1 FRANCO, Marília, 2006, pag 257

existe de fato. Se o audiovisual e as mídias podem ser aliados da educação, se as tecnologias digitais popularizaram a produção e difusão de imagens, e as escolas, especialmente a partir dos anos 90, vêm sendo equipadas com vídeos, DVDs e espaços aptos à projeção, porque as barreiras persistem?

Para Costa (2005) a resistência de professores e alunos se deve, além dos motivos expostos ao longo desta e de outras pesquisas, às dificuldades de infraestrutura e ao despreparo dos docentes para um bom desempenho pedagógico. Nesse sentido, relaciona recomendações que vão desde condições técnicas adequadas até o preparo e postura do educador. Porém, a alteração mais significativa proposta pela autora para romper as barreiras, seria tratar a educação como uma comunicação

“com a qual as pessoas possam ser inteiras, espontâneas e transparentes. Na qual a cultura do dia-a-dia, a bagagem cultural do aluno e as linguagens nas quais se expressa sejam reconhecidas e valorizadas. Um espaço de comunicação em que as diferenças se amenizem aproximando o erudito do popular, o tradicional do novo, o professor do aluno. Um lugar de convergências em que as mais diferentes linguagens possam se integrar umas às outras, transformando os textos numa malha de múltiplas camadas plenas de significados, cuja harmonia revele a grande aventura do conhecimento”².

Bem-te-vi, o filme

Sendo a cultura a base de formação e transformação social e a comunicação instrumento de materialização do pensamento em signos transmitidos e reinterpretados, não é possível pensar nenhuma relação humana – especialmente processos educativos – sem elas. Nesse sentido, utilizamos a cultura enquanto base/ matéria prima/ conteúdo e a comunicação audiovisual enquanto instrumento/ veículo/ meio para verificar a possibilidade de construção de uma unidade a partir da diversidade de visões de mundo de crianças e adolescentes que, cotidianamente, não encontram canais de comunicação entre si e/ou com o mundo. A diversidade de temáticas abordadas e discursos produzidos pelas crianças e adolescentes ao longo das atividades do projeto Bem-te-vi gerou uma polifonia que revelou as necessidades reprimidas de expressar realidades e aspirações. Desse “caldo” de ideias, palavras, imagens, surgiu a pergunta: seria possível criar um discurso coletivo mantendo as

2 COSTA, Cristina, 2005

individualidades de cada grupo? Nasceu assim a proposta de produzir um longa-metragem a partir de vários curtas-metragens produzidos pelas crianças com o mesmo tema: “Bem-te-vi, o Filme – O Mundo que eu quero”. O primeiro desafio foi colocar crianças de realidades socioculturais diferentes em contato, estabelecendo parcerias e diálogos capazes de romper barreiras: econômicas, culturais, sociais, geográficas e linguísticas. A esse grupo – formado por verdadeiras “crianças sem fronteiras” – foi colocado o desafio criar uma história a partir de várias histórias, encontrando a unidade na diversidade. A base do processo de produção do longa-metragem “Bem-Te-Vi, O Filme” - que está em fase de finalização - é a integração entre culturas diferenciadas, sendo os diálogos construídos a partir das relações interculturais entre crianças e adolescentes. A motivação, cremos, é suficientemente forte: todos dividem a mesma casa – o Planeta Terra.

Proposta técnica e artística

“Bem-te-vi, o Filme” é um longa-metragem (duração de 90 minutos) formado de vários curtas integrados, mesclando técnicas de animação e documentário. Para construí-lo, foram realizadas oficinas de animação com grupos de crianças do Brasil, Angola, Gana, Espanha, Inglaterra, Bulgária, Japão, Nepal e Nova Caledônia, que tiveram como meta criar roteiros e realizar animações com o tema “O Mundo que eu quero”. Paralelamente ao desenvolvimento das oficinas de criação da animação, foram realizados documentários com as crianças, onde elas mostraram o seu mundo real e as relações que estabelecem com ele: “O Mundo que temos e o Mundo que queremos”. Para representar o *mundo ideal* as crianças usaram a animação e para representar o *mundo real*, o documentário. Cada grupo de crianças de cada país utilizou uma técnica de animação, visando dar maior dinamismo e diversidade à linguagem: *stop motion* (massinha, areia, barbante, recorte), *pixilation*, desenho, além de ficção. As oficinas internacionais do Bem-te-vi, o Filme tiveram início em 2010 e uma estratégia que se revelou extremamente rica e transformadora foram as videoconferências realizadas por Skype, que superaram fronteiras e estabeleceram diálogos multilíngues e interculturais transformadores.

Procedimentos Educomunicativos – Metodologia BTV

Para a realização do filme as crianças criaram livremente suas histórias, personagens e temas. Ao final, elegeram em conjunto qual seria transformada na animação. Para a realização do documental foram registradas as etapas da oficina, privilegiando o processo de criação. Outro aspecto da metodologia que se revelou extremamente importante foi o contato entre os grupos participantes. Através de videoconferências e redes de relacionamento,

as crianças se conheceram e puderam trocar ideias e impressões sobre o trabalho do qual são coautoras. Porém, o grande desafio foi a inclusão no BTV de crianças cegas e com baixa visão. Através de uma parceria com a Fundação Dorina Nowill, foi desenvolvida uma metodologia de ensino/aprendizado de audiovisual para deficientes visuais. Igualmente desafiador foi colocar as crianças em contato, deixando que os diálogos se estabelecem por conta delas mesmas, a curiosidade e interesse superando as dificuldades de comunicação em línguas distintas. Este processo foi acompanhado e consta dos desdobramentos da pesquisa, abrindo novas metodologias para o relacionamento e construção de diálogos e narrativas educomunicativas multilinguista e intercultural.

Participantes

As oficinas do “Bem-Te-Vi, O Filme” foram realizadas com os seguintes grupos:

1. **APAE Mundo Feliz (São Sebastião – SP):** Escola especializada que atende aproximadamente 130 crianças, adolescentes e jovens portadores de necessidades especiais e deficiências mentais e físicas. Participaram 16 jovens entre 17 e 28 anos.
2. **Centro Infantil Boldrini (Campinas – SP):** Centro de diagnóstico, tratamento e pesquisa do câncer e doenças hematológicas, que atende mais de cinco mil crianças e adolescentes. Participaram 10 crianças entre 7 e 12 anos.
3. **Aldeia Indígena Guarani Tekoa Pyau (Jaraguá – SP):** Esta aldeia é constituída por 40 famílias e representada pela Associação Amba Wera. Na “oca-escola”, a Ceci, são atendidas crianças de 3 a 11 anos. Participaram 15 crianças e adolescentes.
4. **Quilombo de Brotas (Itatiba –SP):** Primeiro quilombo urbano oficialmente reconhecido no Brasil. Na comunidade vivem hoje 32 famílias. Participaram duas turmas, com uma média de 15 alunos em cada uma.
5. **Escola Curumim (Campinas – SP):** Escola particular de ensino infantil e fundamental, que segue a Pedagogia Freinet e desenvolve estudos no pensamento de Piaget, Vygotsky, Bruno Bettelheim e Paulo Freire. Participaram 25 alunos entre 8 e 12 anos.
6. **Fundação Dorina Nowill (São Paulo - SP):** Fundação que se dedica à inclusão social das pessoas com deficiência visual por meio da produção e distribuição gratuita de livros em Braille para mais de 1.400 organizações de todo o Brasil. Participaram seis alunos entre 6 e 11 anos.

7. **ADERES (Granada - Espanha):** Associação para o Desenvolvimento de Relações Sociais, que atende crianças e jovens com diferentes dificuldades de relacionamento. Participaram oito crianças com idades entre 9 e 14 anos.
8. **Breentwood Ursuline Convent High School (Essex – Inglaterra):** Escola pública, católica, para meninas com idade entre 11 a 18 anos. Participaram cinco grupos de alunas, com uma média de 30 alunas por grupo, com idades entre 12 e 13 anos.
9. **Escola Salesiana Dom Bosco (Luanda–Angola):** Atende aproximadamente 5.000 alunos em três turnos e está localizada no Bairro Lixeira, a maior favela de Luanda. Participaram duas turmas, com uma média de 25 alunos em cada – uma com alunos entre 9 e 14 anos e outra com jovens entre 16 e 20 anos em formação para professores.
10. **Playing for Change Bizung School (Gana - Tamale):** Participaram da oficina 35 crianças e jovens de nível sócio econômico extremamente baixo, com idades entre 9 e 17 anos da cidade de Tamale, na escola de música da Playing for Change.
11. **Favela da Vila Prudente (São Paulo – SP):** A oficina da Vila Prudente foi realizada apenas parcialmente. Destinada a adolescentes de uma área de baixa renda e alto índice de vulnerabilidade, as aulas foram realizadas no Salão do Povo. Participaram ao todo 13 adolescentes.
12. **Shiroka Luka Summer Theater Academy (Shiroka Luka –Bulgária):** Através de parceria com a Artists for Children Academy, foi realizado uma oficina para 30 jovens órfãos de abrigos da Bulgária. Esses jovens são de áreas de risco em breve deverão deixar os abrigos porque atingirão a maioridade.
13. **Escola bilingue (Tokio – Japão):** Através de parceria com a Tupiniquim Entertainment, foi realizada uma oficina para 20 alunos bilingues com idades entre 8 e 12 anos.
14. **Mitrata Nepal Foundation (Mitrata-Nepal) e Tintale Village (Katmandu-Nepal):** Abrigo e orfanato que, em parceria com a Playing for Change Foundation, atende 50 crianças. Participaram 25 alunos das oficinas.
15. **Tribo Kanak (Noumea - Nova Caledônia):** Durante o Festival da Cultura Kanak, em Noumea, foi realizada oficina com 25 crianças e jovens aborígenes, com idades entre 6 e 18 anos.

Viabilização e parcerias

Para viabilizar o projeto do filme de longa-metragem, recorreremos a uma das leis de incentivo disponíveis aos produtores independentes do Estado de São Paulo, criada em 2005: o Programa de Ação Cultural (PROAC), que prevê a captação de recursos para a produção artística e cultural junto às empresas, através da renúncia de ICMS. Após dois anos de tentativas, foi realizada em 2010 a captação para a realização parcial do projeto.

As oficinas internacionais foram realizadas através de parcerias estabelecidas com os Salesianos em Angola (Escola Dom Bosco), com a ONG ADERES em Granada, com a Royal Opera House, Creative Partnerships e Arts Council England na Espanha e na Inglaterra, com a Playing for Change Foundation em Gana e no Nepal, com a Tupiniquim Entertainment no Japão, com a comunidade aborígina Kanak na Nova Caledônia e com a Artists for Children na Bulgária

O Bem-te-vi é um processo educacional onde a infância é a produtora do audiovisual, que cria conexões globais em rede. E é justamente esse diálogo imagético, simbólico, permeado de realidades e alegorias que é capaz não só de promover um encontro entre distantes e distintos, mas também de revelar anseios. E é assim que se dá a produção do conhecimento na metodologia Bem-te-vi – a transformação da informação em conhecimento sobre si mesmo e sobre o outro.

Esse processo traz em sua espinha dorsal relações baseadas no multilinguismo e interculturalidade para a construção de um projeto coletivo, que deve gerar diálogos e parcerias que superem a desigualdade e mantenham a diversidade.

O multilinguismo desempenha uma função estrutural e estratégica na metodologia Bem-te-vi, pois o que se busca não é apenas a coexistência de línguas distintas nem a possibilidade de diálogo entre elas, mas sim a construção de um diálogo intercultural, que tem como base a interação entre grupos de forma horizontal, respeitosa e sinérgica, facilitando a integração, a convivência e a alteridade..

Diálogos multilingues e interculturais como os promovidos pelo Bem-te-vi podem também gerar indicadores capazes de colaborar na reflexão sobre esse momento de transformação sócio cultural pelo qual passa o país e o mundo. No grande ninho do Bem-te-vi, os protagonistas são as crianças dessa nova geração, nascidas sob o signo da linguagem audiovisual, da comunicação virtual, da informação globalizada, onde a construção da cidadania pode ser realizada através do tripé educação, comunicação e interculturalismo. Essas crianças trazem latentes o potencial e o desafio de criar um mundo diferenciado e - porque não acreditar – um mundo melhor.

Referências

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

FRANCO, Marília. Uma educadora, diretora, produtora audiovisual em sua experiência na TV universitária. In **Comunicação e Educação**. Ano XI. Número 2. Maio/agosto de 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. **O campo da Educomunicação e suas áreas de intervenção**. São Paulo: EducomTV, 2002.

A AUTORA

ARIANE PORTO COSTA RIMOLI - Graduação e Licenciatura em Ciências Sociais pela Unicamp, Mestre e Doutora em artes pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-Doutora em Comunicações e Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), professora do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA-U-NICAMP), Membro do Centro de Estudos de Pragmatismo.